
Entre o riso e o ridículo

Como o Coringa utiliza o riso para oprimir seus inimigos em Batman o Cavaleiro das Trevas¹

Cíntia Charlene da SILVA²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo pretende identificar o riso utilizado como arma para ridicularizar os inimigos no filme Batman O Cavaleiro das Trevas, tendo como objeto de análise o personagem Coringa. A finalidade é observar quais são as categorias ou expressões do riso que compõe o vilão da narrativa para dar efeito risível ao personagem. A partir daí, pretende-se fazer uma comparação entre o comportamento do vilão e seus atos para entender como o riso é utilizado por ele para diminuir seus inimigos.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; Coringa; Batman; riso; narrativa..

1 A narrativa e o filme hollywoodiano

A arte de contar histórias é uma prática antiga que acompanha o homem desde a sua origem. Queremos saber de tudo que acontece ao nosso redor e trocar experiências. Em seu livro “Análise crítica da narrativa”, Luiz Gonzaga Motta (2013) explica que é preciso entender a forma de contar histórias, para isso é necessário estudá-las para compreender os sentidos e ao mesmo tempo entender quem somos. “Quando narramos algo, estamos nos produzindo e nos constituindo, construindo nossa moral, nossas leis, nossos costumes, nossos valores morais e políticos, nossas crenças e religiões, nossos mitos pessoais e coletivos, nossas instituições”. (MOTTA, 2013, p.19).

Motta ainda complementa

O homem narra: narrar é uma experiência enraizada na existência humana. É uma prática humana universal, trans-histórica, pancultural. Narrar é um metacódigo universal. Vivemos mediante narrações. Todos os povos, culturas, nações e civilizações se constituíram narrando. Construimos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos. O acontecer humano é uma sucessão temporal e causal. Vivemos as nossas relações conosco mesmos e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados. (MOTTA, 2013, p.17)

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOMUFJF), da linha de Competência Midiática, Estética e Temporalidade. E-mail: cintiacharlene@hotmail.com

De maneira semelhante, David Bordwell (2005) afirma que a narrativa pode ser estudada como representação, estrutura ou ato. No primeiro caso, ela pode se referir ou conferir uma significação a um mundo ou conjunto de ideias, o que poderia ser denominada de “semântica” da narrativa. No segundo caso, o modo como seus elementos se combinam para criar um todo diferenciado, como a morfologia dos contos de fadas de Vladímir Propp.³ Por fim, a narrativa pode ser estudada como um processo dinâmico de apresentação de uma história a um receptor. “Isso abrangeria considerações sobre origem, função e efeito; o desenvolvimento temporal da informação ou da ação; e conceitos como o de “narrador”.” (BORDWELL, 2005, p.277).

Ademais, há cinco elementos fundamentais sem os quais as narrativas não poderiam existir, como defende a professora e pesquisadora Cândida Vilares Gancho (2014). “[...] a narrativa é estruturada em cinco elementos principais: enredo, personagem, tempo, espaço e narrador.” (GANCHO, 2006, p. 6). [...] “Sem fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar.” (GANCHO, 2006, p. 11).

Tendo em vista a importância dos debates supracitados a respeito do papel das narrativas para a compreensão das manifestações culturais e sociais da contemporaneidade, as produções cinematográficas se passam em um mesmo espaço, ou seja, a tela, uma narrativa que revela ao espectador um universo a ser explorado. No filme hollywoodiano clássico a história apresenta indivíduos determinados, que buscam resolver um problema ou atingir um objetivo definido. “Nessa busca, os personagens entram em conflito com outros personagens ou com circunstâncias externas. A história finaliza com uma vitória ou derrota decisivas, a resolução de problemas e a clara consecução ou não-consecução dos objetivos”. (BORDWELL, 2005, p.279)

Assim, Bordwell explica que o roteiro hollywoodiano estrutura sua narrativa em uma trama composta por um “estágio de equilíbrio, sua perturbação, a luta e a eliminação do elemento perturbador”. (BORDWELL, 2005, p.279)

³Vladímir Propp (1895-1970) é um importante filósofo soviético influenciado pela ideologia marxista. Seus trabalhos mais relevantes são voltados para os problemas de teoria e história do folclore. Seu trabalho mais difundido no Ocidente foi *Morfologia do Conto* (1928), em que o autor analisa o conto de fadas russo, levando em consideração sua estrutura, as partes que constituem a história, a relação entre esses elementos e o conjunto da obra. Ou seja, a narrativa é vista sob o ponto de vista de sua composição e construção desmembrados em sete papéis ou personagens fixos.

Cada cena apresenta etapas distintas. Inicialmente temos a exposição que especifica o tempo, o lugar e os personagens relevantes – suas posições espaciais e seus estados mentais atuais (geralmente resultado de cenas anteriores). No meio da cena, os personagens agem em sentido de alcançar seus objetivos: lutam, fazem escolhas, marcam encontros, determinam prazos, planejam eventos futuros. No curso de sua ação, a cena clássica prossegue, ou conclui, os desenvolvimentos de causa e efeito deixados pendentes em cenas anteriores, abrindo, ao mesmo tempo, novas linhas causais para desenvolvimento futuro. Uma linha de ação, ao menos, deve ser deixada em suspenso para servir de motivação à próxima cena, que retoma a linha deixada pendente (frequentemente por meio de um “gancho de diálogo”). Daí a famosa “linearidade” da construção clássica – aspecto característico dos filmes soviéticos de montagem (que seguidamente se recusam a demarcar as cenas com nitidez) ou da narração do cinema de arte (com seu jogo ambíguo entre subjetividade e objetividade). (BORDWELL, 2005, p. 282).

No entanto, como veremos no desenrolar do presente trabalho, esta tendência é subvertida no filme *Batman o Cavaleiro das Trevas*, uma vez que as ações do protagonista e seu arqui-inimigo são invertidas, e, para que o vilão não vença ao final e Coringa prove que estava certo, Batman rejeita o título de herói e aceita ser caçado pela polícia.

A diferença autoral em Hollywood dramatiza, pois, o alcance e os limites do paradigma clássico. Quanto à significância ideológica da narração clássica, todos os princípios e normas aqui considerados podem ser analisadas a esse respeito. O herói voltado a um objetivo, o apelo a princípios de unidade e realismo, as funções da coerência espacial e temporal, a centralidade do observador invisível, a arbitrariedade do fechamento – cada uma dessas normas possui traços de processos sócio-históricos de produção e recepção. (BORDWELL, 2005, p. 300)

2 Batman o Cavaleiro das Trevas

O filme *Batman o Cavaleiro das Trevas* (2008), o segundo da trilogia de *The Dark Knight*, se passa na cidade de Gotham. A narrativa hollywoodiana é dirigida, produzida e co-escrita por Christopher Nolan⁴. A série tem início com o filme *Batman Begins* (2005) e termina com o longa-metragem *Batman o Cavaleiro das Trevas*

⁴Christopher Edward Nolan é cineasta, roteirista e produtor considerado um dos mais bem-sucedidos comercialmente de todos os tempos. Possui 26 indicações da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas (Oscar), com sete conquistas, além de indicações e vitórias em premiações como as da Associação de Correspondentes Estrangeiros de Hollywood (Globo de Ouro) e Academia Britânica de Artes do Cinema e Televisão (BAFTA). O cineasta estreou seu primeiro filme em 1998, com *Following*. Em seguida vieram *Memento* (2000), *Insomnia* (2002), *The Prestige* (2006), *Inception* (2010), *Interstellar* (2014) e *Dunkirk* (2017). No entanto, foi com a trilogia protagonizada pelo personagem Batman, intitulada *The Dark Knight* (2005–2012), que veio o sucesso comercial e a aclamação da crítica.

Ressurge (2012). Trata-se de uma série de super-herói baseada no personagem Batman da DC Comics. O personagem apareceu pela primeira vez em maio de 1939, se tornando um dos super-heróis mais populares de todos os tempos. Essa aparição se deu na revista Batman, o Cavaleiro das Trevas, da Detective Comics (DC Comics) de número #27, uma das mais cobiçadas entre os colecionadores de quadrinhos. Batman foi criado pelo ilustrador Bob Kane e pelo escritor Bill Finger. Sua identidade secreta é o bilionário, magnata de negócios, filantropo e dono da corporação Wayne Enterprises, Bruce Wayne. A jornada do personagem tem início após Bruce, ainda criança, presenciar o assassinato de seus pais Thomas e Martha Wayne.

Diante do episódio, Wayne decide se tornar um vigilante mascarado para extinguir o crime de Gotham City. Assim, movido pelo senso de justiça Batman dá início a sua luta para combater os vilões da cidade. Para proteger sua identidade ele utiliza uma máscara com orelhas pontudas que cobre todo o rosto, exceto a boca e um traje, inicialmente cinza, com capa em formato de morcego azul e cinto amarelo, além de botas e luvas escuras. Com o passar do tempo, o homem-morcego altera todo o traje para a cor preta. O vigilante foi treinado em todas as artes marciais e revela uma inteligência acima do comum. Batman é um dos principais protagonistas das séries de revistas em quadrinhos, filmes e outras mídias publicadas pela DC Comics. Ocasionalmente integra a equipe da Liga da Justiça, onde atuou ao lado de outros super-heróis com a missão de reprimir o crime.

A Detective Comics (DC Comics), que ao longo do tempo adotou o nome oficial de DC Comics, é uma das maiores empresas norte-americanas em quadrinhos e publicação de mídia relacionadas. Uma subsidiária da Time Warner, a empresa é responsável, além do Batman, pelos personagens famosos Superman, Mulher Maravilha, Lanterna Verde, Flash, Aquaman e seus companheiros de equipe na Liga da Justiça. Durante décadas, a DC Comics juntamente com a Marvel Comics tem sido uma das maiores companhias de quadrinhos do mundo.

O longa-metragem, objeto desta pesquisa, reúne novamente o diretor Christopher Nolan e o astro Christian Bale⁵ que repete o papel de Batman/Bruce Wayne

⁵ O ator britânico Christian Charles Philip Bale ganhou reconhecimento internacional por viver Bruce Wayne/Batman na trilogia Batman o Cavaleiro das trevas composta pelos filmes Batman Begins, The Dark Knight e The Dark Knight Rises. Bale começou a chamar a atenção após sua atuação no filme Empire of the Sun, de Steven Spielberg e em Psicopata Americano. Atuou em mais de 40 filmes, colecionando inúmeros prêmios na carreira. Em 2011, venceu Oscar de Melhor Ator Coadjuvante, o

em sua ininterrupta jornada contra o crime. Neste filme, com a ajuda do Tenente Jim Gordon (Gary Oldman) e do Promotor Público Harvey Dent (Aaron Eckhart), Batman tem tudo para banir o crime organizado das ruas de Gotham de uma vez por todas. O trio ainda conta com a ajuda de Lucius Fox (Morgan Freeman), administrador dos interesses de Wayne e criador dos equipamentos de Batman; Rachel Dawes (Maggie Gyllenhaal), amiga de infância de Wayne e namorada de Dent; e o mordomo Alfred Pennyworth (Michael Caine).

O grupo se revela muito eficiente na árdua tarefa de limpar as ruas dos crimes. No entanto, serão vítimas de uma mente criminoso brilhante e doentia, o Coringa (Heath Ledger)⁶ que pretende lançar Gotham em uma onda de anarquia. O vilão leva Batman quase a cruzar a linha tênue que separa o herói do criminoso que mata para reestabelecer a ordem.

O conflito se estabelece à medida que Coringa consegue provar a seu rival que todas as pessoas são corruptíveis, exceto seu arqui-inimigo. Para provar sua teoria, o vilão vira ao avesso o promotor público Harvey Dent, até então disposto a acabar com o crime e colocar todos os criminosos na cadeia, mostrando assim que todas as pessoas podem ser corrompidas. Deste modo, Coringa transforma o Cavaleiro Branco de Gotham no vilão dos quadrinhos Duas-caras.

3 Quem é o Coringa?

No filme de Christopher Nalon não há uma versão definida de onde ou como surgiu o Coringa. Dentre as muitas versões existentes nos quadrinhos e nos filmes, um fator tende a ser recorrente nas narrativas, a violência e o caráter sádico reforçado pelo sorriso cruel que está ligado a origem do personagem. Na versão clássica dos quadrinhos, como em a “Piada Mortal”, o vilão surge na pele de um homem usando um capuz vermelho que junto com outros criminosos tentam assaltar uma fábrica de

Globo de Ouro de Melhor Ator Coadjuvante e o SAG Award de Melhor Ator Coadjuvante pela atuação como Dicky Eklund na cinebiografia *The Fighter*.

⁶ O ator australiano Heathcliff Andrew “Heath Ledger” começou sua carreira na televisão australiana, em 1990. Seu primeiro longa-metragem de sucesso foi o filme norte-americano “10 coisas que eu odeio em você”, em 1999. Desde então, atuou em cerca de 20 filmes, como “O Patriota” (2000), “A Última Ceia” (2001), “Coração de Cavaleiro” (2001), “O Segredo de Brokeback Mountain” (2005). Sua interpretação mais marcante foi o personagem Coringa no filme “Batman: O Cavaleiro das Trevas”. Esta atuação lhe rendeu diversos prêmios póstumos, como o Globo de Ouro e o Oscar de “Melhor Ator Coadjuvante”, pela atuação no filme.

baralhos. A operação é interrompida pela polícia e ao, ser perseguido por Batman, Coringa se joga em um tonel de produtos químicos na tentativa de escapar. O que era para ser sua morte se transforma em sua salvação.

A partir do incidente na fábrica surge o palhaço criminoso com uma aparência deformada, já que o contato com os produtos químicos causam uma contração na musculatura de sua face, mutilando a boca do personagem. Além da deformação física, a exposição aos produtos químicos deixa o vilão com um comportamento ensandecido. Surge assim o palhaço do crime com o rosto pintado de branco, sombra preta nos olhos, um batom vermelho na boca, que reforça a figura de um sorriso por meio de suas cicatrizes, cabelos verdes, vestindo um terno roxo. E não se trata de qualquer palhaço, mas um cruel e psicopata com uma risada diabólica.

Ademais, fazendo uma analogia com uma fala do Coringa, em uma das primeiras cenas do filme Batman o Cavaleiro das Trevas, em que o antagonista está roubando um banco, ele diz: “eu acredito que o que não te mata te torna mais estranho”. (CORINGA, 2008: 1). A frase lembra o ditado popular “o que não te mata te fortalece”. No caso do vilão, tudo que é “estranho” soa familiar ao personagem, principalmente porque em se tratando dele nada é tão simples.

Diante disso, podemos dizer que Coringa é um personagem redondo, como pontua a professora e pesquisadora Cândida Vilares Gancho (2006). Ele apresenta uma variedade maior de características que o personagem plano, que possui menos complexidades. Assim, ele pode ser classificado por meio de características: físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais.

Físicas: incluem o corpo, voz, gestos, roupas;

Psicológicas: referem-se à personalidade e aos estados de espírito;

Sociais: indicam classe social, profissão, atividades sociais;

Ideológicas: refere-se ao modo de pensar do personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião;

Morais: implicam em julgamento, isto é, em dizer se a personagem é boa ou má, se é honesta ou desonesta, se é moral ou imoral, de acordo com um determinado ponto de vista. (GANCHO, 2006, p. 22).

Trata-se de um personagem complexo, imprevisível, multifacetado, apresentando uma variedade de ações e motivações psicológicas para seus atos. No cinema, quanto mais redondo o personagem for, ou seja, quanto maior o nível de complexidade, mais ele se torna dominante na narrativa. No caso do vilão, podemos perceber que ao mesmo tempo em que ele é tudo, ele não é nada, já que passa de um

psicopata com ações cruéis e mirabolantes a um palhaço com estilo e comportamento questionáveis.

Enquanto Batman traça um plano e segue estratégias, Coringa age de forma contrária, atuando sem projetos mirabolantes ou passos cronometrados e sem possuir roteiro. Ele simplesmente age e se autoproclama agente do caos, enquanto Batman, íntegro e correto, luta para manter a ordem. O antagonista é imprevisível e seu sorriso indecifrável leva o espectador a muitas interpretações. O vilão ri dos planos elaborados por seus adversários. No longa-metragem, Coringa mostra o que acontece com quem segue um roteiro definido. O palhaço do crime quer quebrar a ordem e promover o caos, por isso, faz aquilo que bem entender, de forma divertida, que lhe provoque o riso.

Além disso, algo que intriga na narrativa cinematográfica é o fato de que o personagem não pode ser civilmente reconhecido como qualquer cidadão comum. Na cena, em que o mesmo é preso e levado para a delegacia, ao tentar fazer sua identificação constata-se que o vilão não possui digitais, arcada dentária identificável, documentos, ou nada que possa revelar quem ele é. Até seu terno, feito sob medida, não possui etiqueta. A sua própria identidade é desconhecida, o que nos leva a crer que o Coringa poder ser qualquer um.

4 O riso como arma para diminuir o inimigo

O personagem Coringa apresenta várias nuances do objeto do riso, seja pelas expressões ou pelas gargalhadas. Ele utiliza o riso como uma marca para ridicularizar e diminuir seus inimigos, em especial seu arqui-inimigo Batman. O que todo herói teme é ser ridicularizado, inferiorizado pelo objeto do riso. Na mitologia grega, os livros de poesia da *Ilíada* e da *Odisseia* de Homero mostravam que os heróis da antiguidade preferiam o destino trágico a serem objetos de chacota do riso. Assim, o riso passa a ser uma marca, algo que não se consegue remover.

Todavia, além de utilizar o riso como sua arma principal no filme, Coringa utiliza as facas para cortar os lábios dos inimigos de forma a fazer um sorriso, revivendo talvez o trauma sofrido no passado e materializando na face dos rivais sua principal ferramenta. Logo, assim como a faca que corta, que machuca, o riso provoca o mesmo efeito, ele deixa marcas, cicatrizes, algo difícil de ser arrancado. Ao confrontar seus inimigos, o palhaço criminoso, por meio do deboche e da ironia, sempre pergunta a eles, se os mesmos sabem da origem de suas cicatrizes. Ele apresenta várias versões, uma

delas é que seu pai teria chegado em casa sob efeito de drogas e álcool e ao partir para bater na esposa a teria matado. Com a faca que a mesma segurava, o pai pergunta ao filho porque ele estava tão sério, e para que o menino colocasse um sorriso no rosto, o pai teria cortado seus lábios formando um sorriso.

Desta forma, o riso possui uma natureza ambivalente, podendo comportar vários tipos, entre eles: paródia, cômico, festivo, grotesco, sátira, burlesco, tragicômico, ironia, sarcasmo, entre outros. Usando as definições de Bakhtin (1993), o grotesco pode ser entendido como uma categoria estética que privilegia o disforme, o extravagante, o bizarro, o sonho e a loucura, desencadeando um riso inquieto, nervoso ou temeroso.

Ainda segundo o teórico, o aspecto essencial do grotesco é a deformidade que em grande parte seria a estética do disforme. Mas, ao mesmo tempo, Victor Hugo⁷ apud Bakhtin enfraquece o valor independente do grotesco, considerando-o como meio de contraste para a exaltação do sublime. “O grotesco e o sublime completa-se mutuamente, sua unidade [...] produz a beleza autêntica que o clássico puro é incapaz de atingir.” (BAKHTIN, 1993, p.38).

Assim, o lado grotesco do riso também está presente no personagem. A começar pelo rosto, Coringa apresenta as famosas cicatrizes na boca em formato de sorriso, formando uma meia lua, deformação esta que vai além da aparência física. O vilão possui um comportamento eticamente e moralmente deformado, característica essa que se reforça como seus gestos e ações. Ao ressaltar seu lado disforme, o personagem se apresenta mais humano do que herói. Ser humano significa possuir deformações. Estas nuances podem levar a uma aproximação com o público, criando assim uma empatia, mesmo que este condene seu comportamento cruel. Baudelaire (1998) explica que o riso é satânico e profundamente humano.

É no homem uma consequência da ideia de sua própria superioridade; e, com efeito, como o riso é essencialmente humano, é essencialmente contraditório, isto é, é sinal de uma grandeza infinita ao mesmo tempo de uma miséria infinita, miséria infinita ao Ser absoluto cuja concepção possui, grandeza infinita relativamente aos animais. É do

⁷Victor Hugo lança em 1827 a peça Cromwell, Do grotesco e do sublime, e em seu prefácio, que se torna mais famoso que a obra, faz uma crítica sobre a noção de belo praticada na Antiguidade. Para ele, era necessário realizar um estudo mais abrangente e aprofundado da estética considerada de “mau gosto”. Assim, o contrário do sublime deveria ser disforme, o ridículo. “O grotesco é um tempo de parada, um termo de comparação, um ponto de partida, de onde nos elevamos para o belo com uma percepção mais fresca e mais excitada.” (HUGO, [1827] 2004, p. 33). Tal discussão seria o marco inicial do romantismo francês.

choque permanente entre esses dois infinitos que se solta o riso.
(BAUDELAIRE, 1998, p.16)

Além disso, o vilão utiliza o riso como provocação. Ele não tem respeito por nada e por ninguém, é despuadorado. Ele ri de tudo e de todos. Todos a sua volta podem ser objetos de seu riso. Para Propp (1992), o riso que zomba nasce quando se expõe os defeitos de uma pessoa que até então não eram conhecidos ou percebidos.

Esses defeitos referem-se ao âmbito dos princípios morais, dos impulsos da vontade e das operações intelectuais. Em muitos casos os defeitos são visíveis por si sós e não tem necessidade de ser desmascarados. [...] Na maioria dos casos, porém isso não acontece. Os defeitos estão escondidos e precisam ser desmascarados. A arte ou o talento do cômico, do humorista e do satírico estão justamente em mostrar o objeto de riso em seu aspecto externo, de modo a revelar sua insuficiência interior ou sua inconsistência. (PROPP, 1992, p. 175)

Trata-se do riso cínico. Propp classifica o riso como maldoso.

No riso mau os defeitos, às vezes mesmo só aparentes, imaginados ou inventados, são aumentados, inflados, alimentando assim os sentimentos maldosos, ruins e a maledicência. Deste riso, em geral, riem as pessoas que não acreditam em nenhum impulso nobre, que veem em todo lugar a falsidade e a hipocrisia, os misantropos que não compreendem como por trás das manifestações exteriores das boas ações haja realmente alguma louvável motivação. Nessas motivações eles não acreditam. Os homens generosos ou dotados de uma sensibilidade superior são para eles uns tolos ou uns idealistas sentimentais que só merecem escárnio. (...) Este riso é pseudotrágico, às vezes tragicômico. (PROPP, 1992, p.159)

Ademais, Coringa utiliza o riso como castigo, e através do deboche e do cinismo ridiculariza seus oponentes. Segundo Bergson (1987), o riso é feito para humilhar, causando à vítima um efeito penoso. “O riso castiga certos defeitos quase como a doença castiga certos excessos, atingindo inocentes, poupando culpados, visando a um resultado geral e não podendo fazer a cada caso individual a honra de o examinar separado”. (BERSON, 1987, p. 100).

Assim sendo, outro elemento que cerca o vilão é o fato de que sua risada pode ser percebida como um ícone da loucura que se espalha ao seu redor. Nas palavras de Bakhtin (1993),

O motivo da loucura, por exemplo, é característico de qualquer grotesco, uma vez que permite observar o mundo com um olhar diferente, não perturbado pelo ponto de vista “normal”, ou seja, pelas ideias e juízos comuns. Mas, no grotesco popular, a loucura é uma alegre paródia do espírito oficial, da gravidade unilateral, da “verdade” oficial. É uma loucura *festiva*. (BAKHTIN, 1993, p.35).

Baudelaire (1998) ainda complementa que o riso está ligado à ideia de hegemonia e soberania.

[...] o riso vem da ideia de sua própria superioridade. Uma perfeita ideia satânica! Orgulho e aberração! Ora, é notório que todos os loucos dos manicômios possuem a ideia de sua própria superioridade desenvolvida em excesso. Eu não conheço em absoluto loucos humildes. Observo que o riso é uma das expressões mais frequentes e mais numerosas da loucura. (BAUDILAIRE, 1998, p.14)

Além disso, outros aspectos do riso muito presentes no personagem são o sarcasmo e a ironia, usados para diminuir seu inimigo. O sarcasmo pode se entendido como uma figura de linguagem que possui um caráter mais zombatório, voltado mais para a provocação e a comédia. Pode se manifestar por meio de atos, palavras, gestos e expressões.

Já a ironia requer um pouco mais do indivíduo para ser entendida. Trata-se da exposição de uma ideia contrária ao que se realmente acredita. Pode ser percebida quando uma pessoa diz o oposto daquilo que pensa, utilizando um tom de crítica ou censura. Pode-se dizer que a ironia é a face intelectual do riso. Para Minois (2003) trata-se de uma “atitude daquele que compreende - ou julga compreender - e se contenta em trocar dos erros porque sabe que eles podem desaparecer. O ironista é seguro de si e pode permitir-se ironizar. E como todo mundo se tornou sensato e seguro de si, todo mundo troça. Ri melhor quem ri por último.” (MINOIS, 2003, p.421). Assim, a ironia é algo sutil que não serve para todos. De acordo com o autor ela só serve a quem é capaz de apreciá-la e utilizá-la para lidar como os infortúnios da existência.

Deste modo, uma das cenas mais reveladoras do longa-metragem acontece quando o antagonista é finalmente capturado pelo Batman. Ao ser confrontado, Coringa explica a seu rival seu verdadeiro plano, em tom de sarcasmo e ironia.

Coringa: Você é mesmo incorruptível. Não é? Você não vai me matar por algum senso de falso moralismo inapropriado. E eu não vou matar você, porque você é divertido. Acho que nós dois estamos destinados a fazer isso para sempre.

Batman: Você vai para uma cela acolchoada para sempre.

Coringa: Topa dividir uma comigo? Vão precisar de muitas celas do jeito que o povo dessa cidade anda perdendo a cabeça.

Batman: Esta cidade acabou de mostrar que está cheia de pessoas que só acreditam no bem.

Coringa: Até a alma delas se corromperem de vez. Até darem uma boa olhada no verdadeiro Harvey Dent e todas as batalhas que ele travou. Não achou que eu arriscaria perder a batalha pela alma de

Gotham numa briguinha com você. Não, é preciso um “ás” na manga e o meu é o Harvey.

Batman: O que você fez?

Coringa: Eu peguei o cavaleiro branco de Gotham e eu o coloquei no devido lugar. Não foi difícil. Loucura, você sabe, é como a gravidade. Só precisa de um empurrãozinho. (CORINGA, 2008: 36)

Assim, por meio desse diálogo fica claro a ironia e o sarcasmo presentes no comportamento do personagem em relação ao seu arqui-inimigo. A cena ainda é reforçada pela trilha sonora que dá ao espectador uma atmosfera de caos que é proposta pelo comportamento do vilão.

5 O que desperta o riso no Coringa

O riso do latim “*ridere*” significa rir, zombar. Sua etimologia está ligada a um gesto hostil, que inferioriza. Trata-se de uma atitude, uma ação sobre algo que existe. O Coringa é uma espécie de arquétipo do palhaço, mas não chega a ser um. Possui apenas alguns traços como a aparência, o colorido da roupa e o jeito de se comportar. O vilão utiliza o riso como forma de ridicularizar seus inimigos. Ao confrontar Batman, tenta tirá-lo do sério, com suas piadas e sua sanidade questionável.

Para Freud (1969) o riso é como uma economia psíquica, ou seja, um mecanismo de defesa que impede o surgimento do desprazer, a fim de tornar prazerosa a energia que seria destinada para a dor. “O riso implica triunfo do princípio do prazer que encontra assim meio de se afirmar a despeito de realidade exteriores desfavoráveis.” (FREUD, 1969, p. 370).

À primeira vista Coringa pode não despertar o riso, mas por meio de seu comportamento disforme e sua aparência colorida e patética reforçadas por suas ações, leva o espectador a rir do palhaço criminoso. A exemplo disso, temos a cena em que o vilão, vestido de enfermeira, vai visitar sua vítima, o promotor Harvey Dent, no hospital. Além do vestido branco, Coringa coloca uma peruca e uma máscara de médico para cobrir a boca.

O verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o. Purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e se isole da integridade inacabada da existência cotidiana. Ele restabelece essa integridade ambivalente. Essas são as funções gerais do riso na evolução histórica da cultura e da literatura. (BAKHTIN, 1993, p.105).

No entanto, é difícil conter o riso diante de um vilão que usa o riso como uma diversão, uma maneira de deixar as coisas mais divertidas, já que as coisas sérias para ele são chatas e desinteressantes. Como se autoproclama o agente do caos, o que o Coringa quer é se divertir com suas ações e incomodar aqueles a sua volta. Na cena em que está sendo interrogado pelo Batman na delegacia, o vilão tenta levar seu arqui-inimigo à loucura. Quanto mais o protagonista fica nervoso por não conseguir arrancar informações sobre o paradeiro do Promotor Público Harvey Dent e Rachel Dawes, sua amiga de infância, mais o Coringa debocha e ri da situação. Diante disso, Batman tenta bater mais e mais no vilão, que continua dando gargalhadas e o tratando com muita ironia e sarcasmo. O palhaço do crime se mostra indiferente diante do protagonista.

6 Conclusão

O riso esconde seu mistério como postula Minois (2003). Ele pode se mostrar de maneira agressiva, sarcástica, escarnecedora, amigável, sardônica, angelical, tomando as formas de ironia, do humor, do burlesco, do grotesco. Logo, se revela multiforme, ambivalente, ambíguo. Da mesma forma que pode expressar a alegria pode também revelar um triunfo maldoso, o orgulho e simpatia.

É isso que faz sua riqueza e fascinação ou, às vezes, seu caráter inquietante, porque segundo escreve Howard Bloch “como Merlim, o riso é um fenômeno liminar, um produto das soleiras, ... o riso está a cavalo sobre uma dupla verdade. Serve ao mesmo tempo para afirmar e subverter.” Na encruzilhada do físico e do psíquico, do individual e do social, do divino e do diabólico, ele flutua no equívoco, na indeterminação. Portanto, tem tudo para seduzir o espírito moderno. (MINOIS, 2003, p.16)

Logo, assim como o riso é ambivalente, o mesmo pode se dizer do personagem aqui explorado. Coringa possui elementos que lembram um palhaço, mas é um vilão cruel, psicopata, ensandecido e perigoso que quer promover o caos. Possui uma natureza complexa que leva ao rompimento da ordem. O próprio figurino do vilão em oposição ao do seu inimigo gera uma reflexão. Enquanto, Batman usa apenas uma cor sóbria, o preto, Coringa se apresenta vestindo um terno roxo, cabelo verde, face pintada de branco, olhos pretos e um batom vermelho que reforça suas cicatrizes, formando um sorriso. A ideia é de que está sempre sorrindo, independentemente da situação, seja quando está pendurando pelo pé ao ser confrontado pelo Batman, seja tentando explodir duas barcas lotadas de pessoas. Assim, as cicatrizes que deveriam ser escondidas e

motivos de vergonha são realçadas pelo batom, e o vilão ainda utiliza essas marcas como gozação ao perguntar aos seus inimigos se sabem como ele as adquiriu.

Todavia, Coringa mostra quem dá as cartas em Gotham e para com aqueles que não seguem suas ordens, ele tenta, por meio do medo e do caos, provar que por mais louco que seja, se as pessoas não entrarem em seu jogo, não conseguirão “tentar” pará-lo. Assim sendo, por meio do deboche, do riso e da gargalhada ele mostra que é capaz das piores atrocidades perante as pessoas sérias, que o tratam como louco. Só depois que o “louco” começa a agir é que ele passa a ser levado a sério, até então, ele é subestimado e não consegue a atenção que procura.

Portanto, através do comportamento e da forma como coloca em ação suas atitudes, o vilão mostra que não teme nada e nem ninguém. Tudo o que faz carrega um sentido, que para ele precisa ser divertido. Ele não leva ninguém a sério, e, quando é tido como louco pelos personagens da narrativa, mostra seu lado mais perverso e horripilante. Coringa não segue ordens, não possui moral ou ética. Como na cena em que está assaltando o banco, ao combinar o plano com seus comparsas, vestidos com uma máscara de palhaço, ele orienta a cada um deles que mate o outro após o serviço ser feito. E no final, Coringa mata o último comparsa sem a menor cerimônia, ficando com todo o dinheiro.

Logo, o antagonista é um personagem complexo, que, ao mesmo tempo que é tudo, não é nada. Isso pode ser observado na cena da delegacia, em que o vilão ao tentar ser identificado, não possui nenhum elemento que possa revelar que é o Coringa, o que nos leva a concluir que o palhaço do crime pode ser qualquer um. Além disso, assim como o riso, o agente do caos nunca é uma coisa só. Ele pode ser irônico, diabólico, louco, sarcástico, psicopata, grotesco, impiedoso, divertido, cruel, tudo ao mesmo tempo. Coringa é um tipo de vilão tão perverso e cruel que não deve ser subestimado por ninguém.

No entanto, apesar da insanidade e de seu comportamento perverso, o antagonista causa muita empatia com o público. Os espectadores costumam gostar do vilão, estampando sua imagem grotesca em camisetas e pôsteres e até se identificam com o personagem, principalmente por se tratar de um indivíduo disforme, com muitos defeitos. Por fim, assim como o Coringa, que apresenta inúmeras falhas de caráter moral e social, nenhum ser humano é perfeito. Por isso, todos carregam deformações e

traumas, o que leva a uma identificação com o vilão, fato este, que o transforma em um elemento catalisador da ambiguidade inerente ao riso.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1993.

BAUDELAIRE, Charles. **Escritas sobre a arte**. Organização e Tradução: Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 1998.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BORDWELL, David. **O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos**. In: Ramos, Fernão Pessoa (Org.). Teoria Contemporânea do Cinema, vol.2. São Paulo: Senac, 2005.

FREUD, Sigmund. **Os Chistes e as espécies de cômico**. In. Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Freud. Direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. Ed. São Paulo: Ática, 2014.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Ed. UnB, 2013.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

Sites acessados

GQ. **Batman 75 anos: o início e legado do Homem-Morcego**

Disponível em: <<http://gq.globo.com/Cultura/noticia/2014/05/batman-75-anos-o-inicio-e-legado-do-homem-morcego.html>> Acesso em: 21 de janeiro de 2018

Wiki Batman. **Bruce Wayne (Batman)**

Disponível em: <[http://pt-br.batman.wikia.com/wiki/Bruce_Wayne_\(Batman\)](http://pt-br.batman.wikia.com/wiki/Bruce_Wayne_(Batman))> Acesso em: 21 de janeiro de 2018

Wikipédia. **Christian Bale**

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Christian_Bale> Acessado em: 21 de janeiro de 2018.

JB. **Morte do ator Heath Ledger completa 10 anos**.

Disponível em: <<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2018/01/22/morte-do-ator-heath-ledger-completa-10-anos-nesta-segunda/>> Acessado em: 21 de janeiro de 2018.

PUCPR. **O que há de grotesco no riso da cultura trash?**

Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 12, n. 28, p. 131-140, maio/ago. 2011 Disponível em:
<<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/comunicacao?dd1=5799&dd99=view&dd98=pb>>
Acessado em: 21 de janeiro de 2018.

Filmografia

BATMAN, o cavaleiro das trevas. Direção: Christopher Nolan. Produção: Charles Roven, Christopher Nolan e Thomas Tull. Intérpretes: Christian Bale, Heath Ledger, Aaron Eckhart, Maggie Gyllenhaal, Michael Caine, Gary Oldman, Morgan Freeman, Cillian Murphy. Roteiro: Jonathan Nolan, Christopher Nolan, David S. Goyer e Bob Kane. Trilhasonora: Hans Zimmer e James Newton Howard. 2008. Duração: 2h32m.